



## TRAGÉDIA NO SUL

# Reconstrução em meio à destruição

Gaúchos lidam ao mesmo tempo com o passado da perda recente devido às enchentes e a incerteza do futuro

» EVANDRO ÉBOLI

Nelson ALMEIDA/AFP

Autoridades, atingidos pela força e peso das águas, estudiosos do clima e especialistas em desastres ambientais no estado que hoje concentra a atenção, solidariedade e comoção do resto do país lidam ao mesmo tempo com os efeitos da tragédia e o receio e a incerteza do futuro que virá. Diques que serão reforçados, pontes e estradas com tecnologias modernas e acabamento indestrutível, construção de moradias que emergiram, desconstrução de empreendimentos imobiliários que estavam a orla, bairros que serão deslocados e a precaução com o meio ambiente no centro das ações. São algumas das iniciativas que começam a ser traçadas.

Parte da população gaúcha convive ao mesmo tempo com o passado, da perda de tudo, e o futuro, do destino incerto. Definitivo é que tudo será e precisa ser diferente para que as cenas de desesperança, de desalento, de dores irreparáveis e de ausência de perspectiva não voltem a tomar conta do estado, hoje associado à imagem de um "cenário de guerra", expressão vinculada às imagens geradas pela destruição das chuvas.

Professor de Ecologia na Universidade Federal do Rio Grande, Marcelo Dutra fala na maior reconstrução a ser registrada no país. Para reverter essa situação, diz Dutra, não bastará reerguer prédios, refazer estradas e auxiliar famílias que perderam tudo, mas, sobretudo, preparar-se para enfrentar um novo e desafiador cenário: o extremo climático, que veio para ficar.

"Vamos precisar incorporar melhores práticas de sustentabilidade. Gestores já dizem que alguns bairros e infraestrutura não podem ser reconstruídos no mesmo lugar. Pedações da cidade precisarão ser reconstruídos em outros lugares. É um movimento que vamos ver muitos prefeitos fazerem, não por orientação do governo federal ou do estado. Por necessidade real", contou Marcelo Dutra ao **Correio**.

"Não dá para achar que não vai acontecer de novo. Vai, sim. A nova realidade será de momentos de muita chuva, com ventos muito intensos, e outros de período de estiagem. Será preciso devolver para



Equipe de resgate na busca por moradores isolados em São Leopoldo

a natureza o espaço, criando zona de segurança do corpo hídrico, afastada da zona urbanizada domiciliar. Grandes empreendimentos, prédios, condomínios, loteamentos autorizados em terrenos próximos dos lagos, vão precisar recuar. Será preciso desconstruir, demolir mesmo", projeta.

O prefeito de São Sebastião do Caí, Júlio Campani (PSDB), relatou o drama da cidade de 25 mil habitantes que administra, das mais atingidas pelas enchentes. No município, 650 pessoas desalojadas foram realocadas para quatro abrigos em centros comunitários. Um contingente

de 200 famílias de ribeirinhos.

"Essa chuva atingiu 90% da cidade, atingida amplamente. A água começou a baixar e veio o cenário de guerra, com tanto lixo acumulado. Ponderei com o governador (Eduardo Leite) buscarmos alternativas para as pessoas não terem que voltar a morar nesses locais no futuro. Não permitir que voltem. Há comerciantes desistindo de seguir com o negócio na cidade. Tem muita coisa pela frente", afirmou Campani.

O hidrólogo Rodrigo Paiva, do Instituto de Pesquisa Hidráulica (IPH), da UFRGS, também

» Entrevista | **SEBASTIÃO MELO** | PREFEITO DE PORTO ALEGRE

## "O futuro é o seguinte, revisitar tudo"

O prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo (MDB), está focado no momento em realocar os cerca de 15 mil desabrigados que estão em locais como igrejas e clubes. Ele calcula que outras 15 mil estejam em casas de parentes. O emedebista quer uma parceria com o governo federal para construir novas moradias para essas cerca de 10 mil famílias, estima. Melo disse ao **Correio** que o pior momento ainda virá e fala em revisitar todo o sistema de dique de Porto Alegre e que o futuro depende de "milhões, milhões" de reais.

Giulian Serafim / PMPA



### Como está hoje a situação da capital?

Quando chove no Rio Grande do Sul, nos rios que abastecem a capital, a gente sofre duplamente. É muita chuva que cai na cabeceira. São quatro rios que abastecem o Guaíba. Sempre chegarão. O nível do rio chegou a 5,37 e a previsão é superar. Está muito alagado ainda.

### E sobre as pessoas que estão desabrigadas? Como estão?

Nos preparamos. Temos hoje 15 mil abrigados. Mas tenho entre 10 e 15 dias para voltar com essas pessoas. Ainda há muitas pessoas na grande Porto Alegre chegando. Fizemos um corredor humanitário, por onde estão chegando os suprimentos, remédios,

alimentos. Derrubei uma passarela para a ajuda poder entrar. O lixo, que estava parado, já está saindo.

### Como solucionar esse problema dos desabrigados nesse pouco tempo?

Vou fazer uma proposta ao governo federal, para que ele assuma, com a prefeitura, a construção de abrigos provisórios. Vou disponibilizar todos os terrenos que a prefeitura tem. O governo federal tem a expertise, já atuaram em Brumadinho (MG), em Teresópolis (RJ). Que assumam esse papel junto com a prefeitura. A gente não tem como fazer isso sozinho. Além das 15 mil pessoas no abrigo, temos outras 15 mil que saíram de suas casas e que não estão em abrigos, mas em

outros locais. E que também terão que retornar para suas casas. Vamos imaginar que cada família tenha entre 3 e 4 pessoas. Estamos falando em 10 mil moradias.

### Há muito a ser feito, então.

O momento difícil ainda vai chegar. A gente precisa muito dessa ajuda humanitária. Teremos que implementar o aluguel social, o seguro moradia. Estou levantando todos os imóveis disponíveis para venda de baixa renda. Vivemos a fase aguda do primeiro momento. Mas é na segunda fase que estou focando, vamos cuidar de moradia provisória. Container, barraca, precisamos pensar em soluções.

### Como o senhor projeta o futuro? Se já é possível imaginar como será.

O futuro é o seguinte: revisitar todo o sistema de diques e (investir) milhões e milhões em tecnologia moderna. Vai depender de milhões (de reais). Não se resolve isso com discurso. Vamos revisitar tudo, planejar e buscar tecnologia nova. Fazer de um jeito diferente. Temos, hoje, 30% da cidade afetada. Em 70% da cidade não têm enchente. Os abrigados têm que cuidar dos desabrigados. Vamos precisar fazer mudança no sistema de saúde, de educação. O voluntariado tem sido grandioso. (EÉ)

# Prejuízos com enchentes passarão de R\$ 100 bilhões

» LUIZ CARLOS AZEDO

Nos últimos anos, estudos sobre mudanças climáticas no Brasil apontaram seus principais impactos no Rio Grande do Sul. A mudança no regime de chuvas já vinha provocando aumento da frequência e intensidade das inundações nas grandes cidades, perda de áreas agricultáveis e picos de temperatura mais intensos, com impactos na agricultura, na saúde da população e na geração de energia elétrica. Os estudos mostram que haveria aumento de erosão e alagamentos nas áreas costeiras e cheias, inundações e processos erosivos no interior.

A economia está em colapso. Segundo a Confederação Nacional dos Municípios (CNM),

somente entre 29 de abril e 5 de maio, as cidades gaúchas registraram mais de R\$ 559,8 milhões em prejuízos financeiros decorrentes dos temporais. Essas dados já estão subestimados, porque a chuva continua. A Grande Porto Alegre continua alagada. Se considerarmos os prejuízos contabilizados nas duas enchentes anteriores, os prejuízos deverão ultrapassar os R\$ 100 bilhões.

No ano passado, os eventos extremos relacionados às mudanças climáticas deixaram um saldo de R\$ 105,4 bilhões em prejuízos financeiros: R\$ 72,6 bilhões no setor privado; R\$ 23,8 bilhões, no público; e R\$ 8,8 milhões, em prejuízos materiais à população. R\$ 53,7 bilhões foram perdidos nas secas e estiagens, as

## Impacto das mudanças climáticas

Os principais setores atingidos foram:

**AGRICULTURA**  
R\$ 53,6 bilhões (50,8%)

**PECUÁRIA**  
R\$ 15,3 bilhões (14,5%)

**TRANSPORTES**  
R\$ 10,9 bilhões (10,3%)

**ABASTECIMENTO DE ÁGUA**  
R\$ 10,8 bilhões (10,2%)

**OBRAS DE INFRAESTRUTURA**  
R\$ 3,9 bilhões (3,7%)

**HABITAÇÃO**  
R\$ 3,5 bilhões (3,3%)

**COMÉRCIOS LOCAIS**  
R\$ 1,7 bilhão (1,7%)

**INDÚSTRIA**  
R\$ 1,6 bilhão (1,6%)

chuvas representaram R\$ 51,4 bilhões. Outros desastres somaram R\$ 257 milhões.

A destruição agora é muito maior, com a infraestrutura do estado e cidades inteiras arrasadas.

A economia, tanto nas cidades quanto no campo, foi arrasada. Quando fala em Plano Marshal, o governador Eduardo Leite (PSDB) tem razão. Apesar do forte apoio do governo federal, com socorro das vítimas e manutenção, em condições precárias, da infraestrutura, a reconstrução do estado será longa, difícil e custosa.

O Rio Grande do Sul terá que se reinventar e adotar novos paradigmas, mais sustentáveis: descarbonização dos sistemas de energia combinada com tecnologias de eletrificação descentralizadas; desenvolvimento urbano inteligente; cidades mais compactas, conectadas e coordenadas; uso sustentável da terra; agricultura combinada com proteção florestal; gestão inteligente

da água; e sistemas eficientes de macrodrenagem.

Caso não sejam controladas, segundo os estudos, as mudanças climáticas poderão levar a perdas econômicas de cerca de US\$ 17 trilhões na América do Sul, entre 2021 e 2070, além de causar a perda de 18 milhões de empregos e de 12% do Produto Interno Bruto (PIB) da região, o equivalente a US\$ 2 trilhões. O Brasil tem uma posição privilegiada na questão da energia e pode liderar a transição energética para uma matriz mais limpa e renovável, entretanto, isso de nada adiantará se perder o foco nos impactos do aquecimento global que já estamos vivendo. Rio Grande do Sul é o grande exemplo.